



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS
PEQUENAS**

GLAUCIA FERREIRA

Florianópolis

Julho, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

GLAUCIA FERREIRA

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS
PEQUENAS

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Colegiado de Pedagogia
do Centro de Ciências da Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito para a obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia

Orientadora: Dr^a Gilka Girardello

Julho, 2013

TERMO DE APROVAÇÃO

GLAUCIA FERREIRA

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA PARA CRIANÇAS PEQUENAS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a Gilka Girardello - UFSC
Orientadora

Prof^a. Dr^a Eliane S. D. Debus – UFSC
Membro

Prof^a Dr^a Lilane Maria de Moura Chagas – UFSC
Membro

Prof^a Dr^a Angela Scalabrin Coutinho – UFPR
Suplente

Florianópolis, Julho de 2013

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais pelos ensinamentos da vida e pelos anos de dedicação. Ao meu pai Ailton, que acompanhou toda minha trajetória de formação e que admiro muito, a minha mãe Tânia (*in memoriam*) que, embora não tenha acompanhado toda a trajetória, apenas a metade do percurso a ser cumprido, sempre me apoiou e incentivou a estudar.

Ao meu irmão, ao meu noivo, à família e aos amigos que me ajudaram e apoiaram durante toda a caminhada, e principalmente neste momento de elaboração do trabalho de conclusão de curso. Especialmente às minhas amigas/companheiras de curso, pelo apoio dado durante todo o percurso, de maneira especial Bruna e Liliane.

À minha orientadora, por ter me aceitado como orientanda e pela força dada até o momento final do trabalho. Obrigada pela dedicação e pelas palavras acolhedoras durante nossos encontros.

Agradeço, também, aos professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina pela formação durante esses anos.

Por fim, agradeço à escola por aceitar a realização da experiência e principalmente as crianças pelo aprendizado obtido.

As pessoas sem imaginação podem ter tido as mais imprevisíveis aventuras, podem ter visitado as terras mais estranhas. Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou. Uma vida não basta ser vivida: também precisa ser sonhada.

Mário Quintana

RESUMO

O presente trabalho aborda uma experiência de leitura literária para crianças pequenas e tem por objetivo compreender melhor a importância desta no contexto da educação da pequena infância. Entre as principais referências utilizadas, estão Parreiras (2012), Abramovich (2002). A experiência foi realizada em uma instituição particular de Educação Infantil da cidade de Florianópolis, com um grupo de 13 crianças entre 1 ano e meio e 3 anos de idade, em maio de 2013. Foi feita uma *intervenção* em sala de aula a partir da qual foram feitos *registros* em vídeo, que serviram de apoio para uma *reflexão*. Entendemos que a leitura literária amplia o espaço da fantasia e da imaginação na vida das crianças, e que ela deve ser feita de maneira lúdica, como um divertimento, pois só assim a criança irá perceber seu “pó de pirlimpimpim”. A experiência confirmou ser a pequena infância o momento ideal para as crianças serem aproximadas desse universo de encantamento e de surpresas, para se sentirem mais seguras em sua realidade e terem mais possibilidades de gostar de livros e de literatura, vivenciando o universo cultural que a literatura infantil pode proporcionar.

Palavras-chave: leitura literária, crianças pequenas, literatura infantil, educação infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1. Problematização e objetivos	9
2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. Educação da pequena infância: é preciso que o (a) professor (a) mantenha o olhar sensível	13
2.2. Importância da leitura literária para crianças pequenas.....	16
3. A EXPERIÊNCIA E SEUS ASPECTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS	22
3.1. O contexto, a escolha dos livros e a preparação das leituras	22
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO E DO RESULTADO DA PESQUISA	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a explorar a importância de se trabalhar com a literatura infantil e a leitura desde os primeiros anos de idade das crianças, para que elas estabeleçam uma relação positiva com os livros. A leitura não é apenas um processo de codificação e decodificação das letras, ela é um processo muito mais complexo e que depende de inúmeros fatores para ter bons resultados, um deles é a estimulação da leitura desde cedo.

É muito importante que crianças possam ter experiências literárias, ter contato com livros de histórias, e com a literatura de modo geral. É diferente ler um livro de histórias e ler um livro de caráter informativo sobre animais ou plantas. Ambas as experiências são válidas para as crianças, mas o foco deste trabalho é a leitura literária, especificamente a leitura de histórias, em voz alta, para crianças pequenas ainda não alfabetizadas. Como aponta Nífa Parreiras: “nem todo livro traz literatura” (2012, p.108):

para ser literatura, a obra deve ter um encantamento trazido pelas palavras e pelas ilustrações: o uso de figuras de linguagem, como as metáforas, de linguagem poética, de coisas submetidas, de ludicidade, de duplo sentido, de repetições. Ou o texto deve ser sonoro. Com musicalidade, com ritmo. (PARREIRAS, 2012, p. 108)

Portanto, a literatura deve encantar e surpreender a criança, deixando aflorar assim sua imaginação.

A leitura literária possibilita à criança entrar no mundo da imaginação e do faz-de-conta, participando imaginariamente das histórias. Essa participação pode se dar também através do corpo e dos movimentos, por meio de sensações experimentadas no momento da leitura, como estar feliz ou triste no decorrer da história. Além disso, a criança pode tomar a história como sua, trazendo sua vida para a fantasia ou a fantasia para sua vida. Como diz Maria Rita Kehl, “contar histórias não é apenas um jeito de dar prazer às crianças. É um modo de ampará-las em suas angústias, ajudá-las a nomear o que não [pode] ser dito, ampliar o espaço da fantasia e do pensamento.”(KEHL, 2006, p. 18)

A pequena infância é um momento ideal para as crianças estarem em contato com esse universo do encantamento e de surpresas, pois:

quanto mais cedo a criança se aproxima do mundo dos livros e do universo cultural proporcionado pela literatura, a familiaridade dela trará segurança em si própria e a possibilidade de imaginação e de criação de fantasias e compreensão da realidade. E certamente ela poderá gostar dos livros e da literatura. (PARREIRAS, 2012, p.21).

A criança nasce pronta para descobrir, assim como para aprender. Ela brinca com seu corpo, descobre novos objetos, tenta pegá-los para colocar na boca. Portanto é preciso estar muito atento para essas novas experiências e novas descobertas do bebê.

A iniciação à leitura literária com as crianças se dá em geral, inicialmente, a partir de cantigas e parlendas da tradição popular, textos que já vão aproximando a criança da linguagem literária, contando com a melodia, a rima, o ritmo. Aos poucos, podemos oferecer à criança outra novidade, o livro, juntamente com sua leitura, e assim a criança vai se apropriando do encantamento e da surpresa que o livro pode trazer, pois a cada virada de página ela pode se admirar/maravilhar com o que vê e ouve.

Este trabalho é uma breve reflexão sobre a experiência de ler obras literárias para crianças pequenas. Num primeiro momento, situarei no contexto da educação da pequena infância; a seguir, comentarei a importância da leitura literária para as crianças nesse contexto, e por fim relatarei e refletirei sobre como foi a experiência que realizei em uma instituição de Educação Infantil.

1.1. Problematização e objetivos

Sabemos que a leitura é um fator fundamental e que efetivamente precisamos dela, pois vivemos em uma cultura letrada. Quando a leitura é feita de maneira adequada, trará bons resultados para a criança, e pode ser feita de maneiras diferentes, não impositivas, inserindo a criança aos poucos nesse universo.

Não são todas as crianças que crescem em um ambiente com livros ao seu redor, portanto é papel da instituição e do educador possibilitar essa mediação, para que, em pelo menos um ambiente, ela possa ter esse acesso, e a oportunidade de crescer ouvindo leituras literárias e podendo manusear os livros. Essas experiências são de grande valia para a criança pequena.

Ao mesmo tempo em que é papel do educador possibilitar tal mediação, às vezes o professor não tem uma formação adequada. Sinto que o curso de Pedagogia da

Universidade Federal de Santa Catarina, não oferece uma formação suficiente nesse sentido. Apesar de haver algumas disciplinas que trabalham o tema, acredito que deveríamos ter mais contato com a Literatura Infantil durante todo o curso, pois só conhecendo melhor o assunto vamos conseguir trabalhar com ele de maneira adequada. Diante disso, este trabalho tem os seguintes objetivos:

Objetivo Geral

Compreender melhor a importância da leitura literária para crianças pequenas.

Objetivos Específicos

- 1) Identificar alguns dos principais aspectos da importância da leitura literária na vida das crianças pequenas.
- 2) Relacionar a leitura literária para crianças com os principais aspectos da educação da pequena infância.
- 3) Examinar aspectos da leitura literária para crianças pequenas com base em uma experiência realizada em um contexto de Educação Infantil.

2. JUSTIFICATIVA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente o curso de Pedagogia da UFSC está estruturado em nove fases, sendo a última fase reservada para o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), sendo o profissional formado para atuar tanto nas áreas de Educação Infantil como nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

No segundo semestre de 2011, na disciplina de *Organização dos processos educativos II*¹ tive a oportunidade de estudar um pouco sobre os bebês, sobre como acontecem suas interações, assim como qual a concepção que a educação infantil trazia anos atrás sobre educação de crianças de 0 a 3 anos e qual a concepção que os educadores e pesquisadores têm hoje. Foi uma disciplina que me instigou muito, pois até então eu não compreendia como ocorria a educação para os pequenos, e fui compreendendo aos poucos que os conceitos do cuidar e do educar são indissociáveis para a Educação Infantil. Apesar de o tema *educação de bebês* estar cada vez mais sendo estudado, ainda não é o suficiente, ele precisa ser ainda muito mais explorado, pois ainda existem muitos fatores para serem compreendidos e analisados.

Assim como a educação de bebês, a literatura também me atrai bastante, entrar no mundo do faz-de-conta e da imaginação é esplêndido. Por isso busco neste trabalho juntar esses dois temas, tentando compreender melhor qual a real importância da leitura literária para a educação dos bebês.

Atualmente o curso de pedagogia da UFSC possui apenas uma disciplina diretamente ligada à Literatura Infantil, oferecida na 5ª fase (*Literatura e Infância*). Outras disciplinas em minha formação também abarcaram o tema da Literatura, como *Linguagem Escrita e Criança* e *Narrativa e Educação* (vinculada ao NADE²) ofertada na 8ª fase, mas acredito que deveríamos ter mais contato com a Literatura durante o curso, pois só estudando o assunto mais a fundo vamos conseguir fazer um bom trabalho com as crianças. Afinal,

A todos nós cabe defender o lugar da literatura na escola, se a entendemos não apenas como um repertório cultural necessário para a

¹ Disciplina ministrada na ocasião pela Professora Ângela Coutinho

² Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos do Currículo do Curso de Pedagogia da UFSC.

educação estética, ética e cidadã, mas também como uma experiência única de linguagem, de acesso privilegiado às palavras, que nos ajuda a construir este e outros mundos, além de nós mesmos. (COSSON, 2012, p.308)

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil enfatiza a importância das diferentes linguagens que devem ser trabalhadas com as crianças. Um dos objetivos da educação de 0 a 3 anos é fazer com que as crianças se interessem pela leitura, diz o documento, destacando a importância que tem para elas “participar de situações de leitura de diferentes gêneros e manusear materiais impressos como livros, revistas em quadrinho, etc.” (RCN, 1998, p131). Portanto é dever do educador apresentar essa linguagem da arte para as crianças. Segundo Antônio Cândido, a Literatura deveria ser um direito humano garantido, pois na realidade não conseguimos viver sem ela:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [a literatura] , isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação(...) Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida em romance. Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CÂNDIDO, 1995)

É preciso usar critérios de seleção para a escolha de quais livros trabalhar em sala, selecionando obras que realmente façam sentido para a criança; é preciso conhecer os clássicos e sempre estar atento aos lançamentos de novos bons livros. Entre os critérios que foram desenvolvidos pelo Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE/MEC/CEALE) para analisar livros para crianças, encontram-se alguns que acredito ser de muita importância para as crianças, principalmente para as menores. São eles: se as ilustrações dialogam com o texto verbal, se a capa do livro é convidativa para uma boa “leitura”, se o tema é adequado às expectativas do leitor desejado, se a obra amplia o repertório ético, cultural e estético da criança, se ela explora recursos expressivos literários, melódicos, imagéticos e/ou visuais, se “oferece um grau de abertura que convide à participação criativa na leitura e a interação lúdica na linguagem poética” (PNBE, 2012), entre outros. Na mesma linha, outros critérios para a escolha de livros adequados às crianças pequenas são a ênfase na ação, a imprevisibilidade, o humor e a surpresa (CUNHA, 1991, p.68).

Compreendo que nesse meio entre bebês e leitura precisa estar um mediador, ou seja, em geral um adulto, pois ele será o leitor e o incentivador deste hábito. Na instituição, esse mediador será o professor. O primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, assim o professor mediador irá propiciar momentos de leitura em voz alta, para que aos poucos a criança vá se familiarizando com a narração de histórias e com o objeto livro. Essa mediação envolve também a forma como é feita a leitura em voz alta.

Atualmente o mercado editorial brasileiro oferece uma grande quantidade de livros para crianças, são diversas as opções. Há uma imensidão de opções de títulos de literatura infantil para as crianças pequenas, em livros resistentes à água, tombos, puxões, livros com sons, cores vivas e vibrantes, tamanho e peso variado, de pano, de plástico, papel cartonado. Enfim, cabe ao professor mediar tanto a escolha como o manuseio dos livros, e também a leitura para as crianças pequenas. Meu trabalho procura contribuir para essa mediação. Ressalto que neste trabalho a reflexão da experiência de ler obras literárias se foca em livros de histórias para crianças, mesmo compreendendo a importância de outros gêneros literários, como poemas e parlendas. Sendo assim, tentarei expor breves considerações a respeito de uma experiência que fiz, de ler obras literárias para crianças pequenas, tendo como apoio as ideias de alguns estudiosos do tema.

2.1. Educação da pequena infância: é preciso que o (a) professor (a) mantenha o olhar sensível

A infância inicial é o momento ideal para colocarmos a criança em contato com diferentes materiais, assim como com diferentes produções culturais, pois é direito da criança ter acesso a experiências variadas e a produção industrial em massa tende a limitar esse contato. As crianças pequenas se apropriam rapidamente de tudo que as cerca, portanto é necessário que os objetos ao seu redor possam trazer novas experiências, proporcionando a elas diferentes sensações e o conhecimento de novas formas e texturas, para que aos poucos se apropriem de cada uma. É fundamental que os objetos sejam seguros e higiênicos, pois crianças ainda muito pequenas levam tudo à boca.

É importante que os livros possam ser feitos de diferentes materiais, como plástico, tecido, papel, pois como sabemos o bebê se apropria desses novos materiais através do tato, do olfato e do paladar; por isso, a importância de os livros não possuírem objetos pequenos ou cortantes. Ressaltamos que nem todos os livros trazem a literatura: muitos livros-objetos, por exemplo, são materiais interessantes para as crianças explorarem, mas não trazem textos literários.

O primeiro contato da criança com o texto literário é feito oralmente, quando ela ainda é bebê. As cantigas de roda e as parlendas da tradição popular, por exemplo, aproximam as crianças desde cedo dos aspectos estéticos da linguagem literária, como a rima, o ritmo, a melodia, tudo isso já é iniciação à leitura literária. A literatura é uma linguagem da arte, e deve ter a função de divertimento para as crianças, proporcionando um momento gostoso e prazeroso e não um momento imposto, onde todos precisem ficar quietos apenas ouvindo. Deve ser um momento em que a imaginação possa passear livremente pela história e que o gosto pelo livro possa ir surgindo, por isso a importância de as crianças estarem desde cedo em contato com livros.

Desde que nascem os bebês são capazes de estabelecer relações com o outro, seja outro bebê ou um adulto. Eles não recebem apenas as significações prontas, mas respondem a elas e também se expressam. Os gestos são formas de comunicação e expressão entre os bebês, eles são os primeiros sinais, assim como o olhar e o movimento. Portanto, é muito importante pesquisar como a leitura em voz alta ajuda nas interações sociais e na imaginação da criança, entendendo como se dá esse processo de aproximação da criança com o livro.

As crianças bem pequenas possuem uma dependência física referente aos adultos, mas elas não são totalmente dominadas por eles, pois apesar dessa dependência sempre há participação das crianças em seu processo; desde pequenas elas possuem a capacidade de escolhas e preferências. O(a) professor(a) de bebês deve estar atento para essas atitudes, que na maioria das vezes são sutis, tanto que se o(a) professor(a) não estiver atento não as perceberá.

Para trabalhar com criança pequena é preciso estar disponível para a relação, assim como sensibilizar o olhar, pois para os bebês pequenos gestos são grandes conquistas. Como esse é um período de grandes descobertas (como a descoberta do

corpo), é preciso que o(a) professor(a) treine o olhar para começar a perceber essas sutis atitudes.

Madalena Freire pontua, em um texto chamado “O olhar do observador”, algumas ações muito importantes para exercer como educador (a). A autora explica que é preciso: *silenciar, escutar, escrever, participar e ver*. Sobre o *ver*, ela comenta:

olhar o todo, o coletivo, as partes, os individuais, no seu conjunto e nos seus detalhes. No que cada elemento compõe a parte desse todo, com suas falas, seus gestos, suas sacadas, seus silêncios. Aprender a olhar além, sempre perguntando todo o tempo, o que está por trás do que se vê? Qual o significado? O que está para ser desvelado? (FREIRE, s/d.).

De acordo com Coutinho (2002), conceber as crianças como seres diferentes dos adultos possibilita planejar sua educação de forma diferenciada, com espaços e tempos que oportunizem a elas protagonizar essa experiência na sua heterogeneidade. Também para a autora Fernanda Tristão, a educação de crianças pequenas é marcada por sutilezas:

Parece-me que a possibilidade de perceber o extraordinário, o excepcional, no trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenininhas, parte das ações sutis que caracterizam a docência com esta faixa-etária, que deve estar marcada pela promoção de relacionamentos intensos e prazerosos, mas também de confronto – que também trazem consigo a possibilidade de trocas e de não consenso -, pelos olhares atentos definidos pela curiosidade, pelo espanto, pelo questionamento, pela humildade do não saber e não predizer, pela possibilidade da descoberta conjunta, da experiência compartilhada. É extraordinário pensar que nem tudo está pré-estabelecido, que há descobertas a serem feitas no caminho. (TRISTÃO, 2009, p. 13).

Quando se fala na importância de o (a) educador (a) estar junto à criança, isso não significa que devemos estar sempre em contato com o corpo da criança. Não só o contato físico significa atenção a ela: também um olhar ou um sorriso podem mostrar que estamos aprovando o que a criança está fazendo e que estamos acompanhando seus passos, daí a importância do olhar atento e da sensibilização do olhar.

Ser professor (a) na educação Infantil é planejar, ter intencionalidade, observar, registrar, estudar, aprender e educar, é qualificar o tempo que a criança permanece na creche, proporcionar experiências que ampliem seu repertório cultural, dar condições

para as crianças darem suas opiniões assim como ouvir as delas. Madalena Freire diz também: “Não fomos educados para olhar o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira.” (WEFFORT *apud* OSTETTO, 2002, p.195). Portanto não podemos deixar que o cotidiano nos impeça de ver as coisas com sensibilidade, mas sim perceber a grandeza que é ser professor(a) de crianças pequenas.

Levando em consideração o fato da sensibilização na ação pedagógico, tentarei expor no próximo item breves considerações sobre a leitura de histórias para crianças, considerando que nesse ato também estão embutidos diversos sentimentos e emoções, que são observados apenas com o olhar atento e observador.

2.2. Importância da leitura literária para crianças pequenas

Segundo os estudiosos do tema, ouvir histórias é importante para a formação da criança, pois ouvindo histórias a criança pode sentir diferentes emoções, como o medo e a alegria, tudo isso em uma mesma história. Para Kornei Chukovski, o objetivo de quem lê ou conta histórias:

consiste em estimular na criança a compaixão – a miraculosa habilidade de um ser se perturbar com a infelicidade de outro, de se alegrar com a felicidade do outro, de experimentar o destino do outro como se fosse seu. As histórias ensinam a criança, em seus primeiros anos, a participar com atenção das vidas de pessoas e animais imaginários, e garantem que assim a criança escape ao ângulo estreito dos interesses e sentimentos centrados no eu (CHUKOVSKI, 1986, p. 138)

Segundo Abramovich (2002) quando as crianças ouvem histórias passam a visualizar de forma mais clara os sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinar infinitos assuntos.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 2002, p.17)

De acordo com Egan (2007), as histórias têm um poder de atrair e manter a atenção dos ouvintes. Ele diz que desde Platão poderosas histórias descrevem qualidades e virtudes humanas, fazendo com que o ouvinte faça parte dessas histórias, se identifique com essas qualidades e virtudes. As histórias podem servir de exemplo de como somos, agimos e sentimos, elas representam “a habilidade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p.198).

Portanto, é indispensável para a formação geral de uma criança escutar histórias, e a Educação Infantil tem um importante papel nisso, pois:

é ouvindo histórias (lidas e também contadas livremente, inspiradas na literatura ou na experiência vivida) e vendo ouvidas as suas próprias histórias que elas aprendem desde muito cedo a tecer narrativamente sua experiência, e ao fazê-lo vão se constituindo como sujeitos culturais. Na entrega ao presente do jogo narrativo no âmbito da educação infantil, professoras e crianças ampliam um espaço simbólico comum, pleno de imagens e das reverberações corporais e culturais de suas vozes. Tornam-se seres narrados e seres narrantes, com todas as implicações favoráveis disso para a vida pessoal, social e cultural de cada um e do grupo. (GIRARDELLO, 2007, p. 10)

Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é o início de infinitas descobertas, portanto é preciso contar muitas histórias, sempre que se tiver oportunidade - com livro ou sem livro, o importante é propiciar momentos de escuta de alguém que narra em voz alta – momentos que na maioria das vezes são prazerosos e divertidos para a criança. Digo “na maioria das vezes”, pois em algumas circunstâncias esse momento pode sim ser desagradável, sua qualidade para a criança vai depender de muitos fatores, desde a escolha do livro, da forma de leitura e do contexto.

É imprescindível que, antes de o(a) professor(a) tentar transmitir o gosto pela leitura para as crianças pequenas, ele(a) se pergunte se gosta de ler, se conhece bons livros infantis. Pois se o(a) próprio(a) professor não gosta de leitura, como poderá transmitir o gosto pela leitura de maneira adequada para as crianças? Portanto é preciso aproximar as crianças do livro e da leitura literária, mas de maneira gostosa, para elas poderem realmente entrar na fantasia e na imaginação que a leitura pode propiciar para a criança.

Para uma boa fruição literária no trabalho pedagógico é necessário que o(a) professor(a), além de gostar de ler, saiba escolher os livros para a turma. E isso se dá tanto a partir de uma formação acadêmica adequada quanto a partir do conhecimento daquela turma, apenas assim será possível despertar os “olhos do imaginário” e fazer um bom trabalho em sala.

A leitura literária ensina a criança a escutar, pensar, falar e desenvolver o seu potencial crítico. Mas nem por isso a leitura literária deve ser abordada da mesma forma que a leitura de um livro didático. A leitura na educação infantil não deve ser uma tarefa a ser cumprida, ela deve estar regada de ficção, prazer, descoberta e muito encantamento, para que a criança possa imaginar e entrar no mundo do faz de conta. Ouvir histórias, afinal, “é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores” (ABRAMOVICH, 2002).

Conforme Girardello (2011), nos momentos em que se conta histórias na sala forma-se um círculo em meio ao zum-zum das crianças, que com olhos arregalados se aconchegam e escutam a voz da professora. Entram na história que ela conta, fechando os olhos ou imaginando algo muito longe dali. Contar e ouvir histórias faz com que enxerguemos longe, além daquilo que estamos vendo. Aflora-se a imaginação! Um ponto de partida importante para isso é a preparação do(a) professor(a). Ele(a) precisa enxergar mentalmente a história que vai contar, ajudando a criança a criar o seu próprio “filme mental” e ganhando confiança no que está contando. Outros detalhes vão ser reimaginados pelo (a) professor (a) a cada vez que contar a história, e a criança também vai reimaginá-la toda vez que a escutar. Girardello (2011) dá um exemplo disso no seguinte excerto:

Se ela [a professora] vai contar a história de Rapunzel, precisa enxergar mentalmente a torre onde a personagem fica prisioneira da bruxa. Todos sabemos que a torre é alta, mas é preciso ver se ela é alta como um poste de luz, alta como um prédio de cinco andares, ou tão alta que fura as nuvens do céu... Precisa também saber como é a voz com que o príncipe vai chamar sua amada. Ela não vai falar disso, mas precisa enxergá-lo. (p .83- 84)

A leitura literária incentiva a imaginação, contribui para o desenvolvimento do pensamento lógico e amplia o repertório cultural das crianças, por isso a importância de garantir vivências literárias nas creches. Mas além de auxiliar no desenvolvimento da criança, segundo Girardello (2011, p.82): “A necessidade de histórias tem sido

identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças”. Na instituição escolar é ideal que, ao começar a contação, o (a) professor(a) crie um ambiente acolhedor, pode ser cantando uma música no início, ou ter um “cantinho” específico para as histórias.

Na literatura infantil o desenho também é parte importante, uma boa ilustração é parte complementar na linguagem da obra e convida a criança a entrar no livro. Segundo Cleber Silva, no artigo “A literatura na educação infantil: o encontro da criança com o texto” (SILVA, 2008) a ilustração, “além de oferecer um rico repertório e bagagem de informações visuais para os pequenos leitores, instigando a imaginação, carrega o leitor para mundos possíveis apenas dentro da fantasia” (SILVA, 2008, p. 11). A ilustração, integrada a todo o projeto gráfico do livro – papel, formato, tamanho e tipo de letras e cores, etc. - pode ser o critério que a criança encontra para selecionar o livro que irá “ler”. Assim uma boa ilustração auxilia muito as crianças na leitura visual do livro.

Deixar a criança manusear o livro também é imprescindível, pois, com o livro na mão, ela “lê” e cria novas cenas, enfim, brinca de ler. Segundo Condemarín (1990), brincar de ler é uma atividade de grande importância “porque revela que uma criança armazenou em sua memória uma quantidade impressionante de palavras, e que captou o significado do texto completo” (p. 45). Os adultos leem contos ou histórias para as crianças que acabam gravando-as pelo fato de serem histórias contadas diversas vezes, pois as crianças pedem a repetição destas, e quando as “memorizam”, brincam de ler para outras crianças em voz alta. O mesmo autor ainda revela que o brincar de ler “favorece uma entrada na leitura divertida e gratificante”, é um estímulo dado à criança que ainda não sabe ler, mas que já tem certo interesse em saber o que diz em cada uma daquelas linhas. Portanto, quando a criança pede para que leiamos a história novamente, não devemos hesitar, pois para ela, aquilo é importante.

Quando perguntaram a René Diatkine – um psicanalista francês estudioso do tema – a partir de que idade uma criança começa a compreender e a se beneficiar das histórias contadas a ela, ele respondeu:

Numerosas experiências e observações científicas indicam que já a partir dos 10 meses de idade um bebê manipula, cativado, um álbum com figuras. Os pais não devem imaginar, de maneira alguma, que estão perdendo tempo quando mostram a seus bebês as figuras, os desenhos. (ALTMAN, 1993, p.7).

Deste modo, acredito que nunca é cedo para começar a ler para crianças.

Durante a leitura ou narração oral de uma história, a troca não acontece apenas no plano da linguagem, as crianças participam corporalmente das histórias, interpretando as falas do(a) professor(a) com expressões, e gestos, em interações que vão muito além do plano verbal; essas trocas também acontecem: “pelo sopro compartilhado em que vibra a voz de quem fala no ouvido de quem escuta, pelo calor físico gerado pelos gestos de quem conta e de quem reage, pela vibração motriz involuntária – arrepios, suspiros, sustos – causada pelas emoções que a história desencadeia.” (GIRARDELLO, 2007).

Por isso é que a leitura oral de literatura vai muito além do plano verbal, pois o(a) professor(a) que se dispõe a ler um poema ou contar uma história, interage de diferentes maneiras com a criança. É preciso que o(a) professor(a) esteja junto à criança de sua maneira absoluta, pleno de todos os gestos e olhares.

Sobre ler a mesma história varias vezes, Ferreira (s/d) recomenda que, se a criança pedir para o (a) professor(a) repetir a leitura, ele a repita quantas vezes for necessário:

Não tem importância que você já tenha lido esse mesmo livro 10, 20, 30 vezes. A criança que escuta a leitura em voz alta não está apenas escutando; ela memoriza palavras, incorpora maneiras de construir frases, forma seu vocabulário, acalma tensões graças ao fato de saber o que vai acontecer depois... (FERREIRA, s/d, p. 19)

Os gestos do(a) professor(a) são de enorme importância para a imaginação das crianças, mas claro, na medida certa, a simplicidade de um olhar pode tornar esse momento ainda mais proveitoso. Podemos contar histórias brincando, a atividade pode ser um jogo para a criança. Os gestos na medida certa, as pausas no momento correto, a velocidade da narração e o uso das repetições podem servir para fazer aflorar a imaginação da criança. Objetos também podem ser usados, mas nem sempre de uma maneira literal. Desse modo, contar uma história que tem como personagem uma boneca não significa necessariamente ter o objeto boneca nas mãos, ela pode ser substituída por exemplo por algum pedaço de pano, e assim a criança imaginará sua própria boneca, do tamanho e da cor que quiser. É essencial que o(a) professor(a)

reconheça em si a melhor maneira para contar histórias, ou seja, a maneira com que se sente mais confortável, pois cada um de nós possui características próprias.

As crianças participam corporalmente das histórias, interpretando as falas com gestos, sons e sinais. Mello (2007) nos fala sobre como formar leitores e escritores a partir de diferentes formas de linguagem. Ao incentivar a expressão das crianças por meio de diversas linguagens, estaremos provocando o desejo de se expressarem. A necessidade e o desejo de se expressar precisam estar presentes neste processo. Essa necessidade surge a partir do que as crianças vêem, ouvem, vivem, descobrem e aprendem.

A leitura de histórias pode ajudar na vida da criança em muitos sentidos:

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. (CORSO & CORSO, 2006, p.303)

Bebês podem até não entender todo o enredo de uma história, mas a leitura em voz alta os coloca em contato com outras dimensões das linguagens oral e escrita, que serão importantes em seu desenvolvimento. Não é perda de tempo ler para quem ainda nem aprendeu a falar, muito pelo contrário, é ganhar tempo, pois aumenta seu repertório cultural, e ajuda a aprimorar ainda mais sua imaginação, enriquecendo sua fantasia nas brincadeiras e jogos.

3. A EXPERIÊNCIA E SEUS ASPECTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Em síntese, a experiência consistiu em uma *intervenção* em sala de aula – a leitura em voz alta pela pesquisadora de 5 livros para crianças – a partir da qual foram feitos *registros* em vídeo, que serviram de apoio para uma *reflexão*. Esta reflexão sobre a prática foi feita por meio da escrita, em diálogo com as referências teóricas que busquei para fundamentar meu interesse em “compreender melhor a importância da leitura literária para crianças pequenas”, que era meu objetivo geral.

Uma referência teórico-metodológica importante para este processo são os trabalhos de WEFFORT (1996) e CAMARGO (1996). Wefort diz, sobre o ato de estudo-reflexão: “o educador estuda a teoria dos outros construindo, produzindo a sua” (p. 54). Por meio da reflexão sobre o registro em vídeo e da leitura de diferentes estudiosos, foi possível realizar este trabalho, não com o intuito de ter respostas únicas, mas questionamentos que nos auxiliam a compreender melhor o tema. Nesse sentido, “o ato de estudar não é acumular ideias que se perdem ao longo do caminho porque não as tornamos nossas, mas sim, o ato de recriá-las com a marca da nossa identidade” (CAMARGO, 1996, p.56)

Maiores detalhes dos procedimentos metodológicos serão apresentados a seguir.

3.1. O contexto, a escolha dos livros e a preparação das leituras

A escola de Educação Infantil onde foi feita a experiência é particular e se encontra no bairro Santa Mônica, em Florianópolis, SC. No período matutino a escola possui nove turmas, e no período vespertino quatorze turmas, distribuídas em berçário, mini maternal, maternal I, maternal II, pré I, pré II e pré III. A instituição autorizou a pesquisa com as crianças.

A experiência foi realizada em uma turma de maternal II, composta por seis meninas e sete meninos, que têm entre um ano e meio e três anos de idade. Na sala há alguns livros no alcance das crianças, assim como acontece leituras pelo menos duas vezes na semana. A turma tem a proposta de quarta-feira ser *o dia do livro*, portanto elas podem trazer livros de casa para trocar com os amigos.

Os livros escolhidos para fazer esta reflexão sobre a experiência de ler obras literárias para as crianças pequenas foram selecionados usando alguns critérios. O primeiro critério foi o de interesse, aqueles livros que avalei que poderia interessar as crianças. Como já conheço as crianças da turma, pois sou professora auxiliar da mesma, tenho alguma base do que elas poderiam gostar ou não. A escolha por fazer a experiência nesta turma foi devida ao curto tempo para realização da pesquisa, pois não havia um período longo o suficiente para fazer minha inserção em outra instituição. Nesta turma o contato afetivo já estava estabelecido, tornando mais fácil a realização da experiência, pois as crianças agiriam normalmente comigo.

Como um critério complementar, procuramos escolher livros que tivessem sua qualidade literária e artística reconhecida por prêmios, indicações ou seleção de especialistas. Além disso, pensamos em livros que seriam adequados para a idade das crianças que iriam participar da experiência. Os cinco primeiros livros escolhidos para realizar a experiência junto às crianças foram: *Panela de arroz* (Luís Camargo), *A cama da mamãe* (Joi Carlini), *A casa sonolenta* (Audrey Wood), *Bruxa, Bruxa venha à minha festa* (Arden Druce) e *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande* (Simon Prescott). Porém, mesmo eu sendo professora auxiliar da turma, conhecendo a escola e as crianças, achando que aqueles seriam ótimos livros e que as crianças iriam se interessar bastante por eles, foi um pouco complexo o processo essa escolha dos livros para a escola. A direção da escola aceitou apenas um dos cinco livros escolhidos (*As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*) e pediu que eu substituísse os outros. A explicação dada pela direção foi que alguns daqueles livros possuíam a imagem “muito forte”, e que a escola preferia o uso dos “clássicos”.

Depois de pesquisar e fazer uma nova seleção, os livros escolhidos então foram: *O Castor Cozinheiro* (Lars Klinting, 1996), *O macaco danado* (Julia Donaldson, 1999), *Festa no céu* (Ana Maria Machado, 2001), *A menina bonita do laço de fita* (Ana Maria Machado, 2010) e *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande* (Simon Prescott, 2010).

O livro *O castor cozinheiro* foi escrito e ilustrado por Lars Klinting. Como menciona Ninfa Parreiras em seu livro *Do ventre ao colo, do som à literatura: livros para bebês e crianças* (PARREIRAS, 2012) este livro, assim como toda a coleção (*O*

castor alfaiate, O castor cozinheiro e O castor jardineiro) conta com “relatos curtos, com ilustrações em cores, dirigidas às crianças pequenas.” (idem, p.94). Livros que falam de situações práticas de vida como esses têm uma grande chance de serem gostados pelas crianças, e de que elas se identifiquem com eles, por isso consideramos que o livro era indicado para a leitura. *Macaco danado* é um livro da editora Brinque-Book, escrito por Julia Donaldson e ilustrado por Axel Scheffler, que conta, com desenhos bem coloridos que chamam a atenção das crianças, uma história em que aparecem muitos animais, e é comum que as crianças gostem muito de histórias com animais. O livro *Festa no céu* traz um conto popular recontado por Ana Maria Machado, uma das mais importantes autoras brasileiras, que já recebeu diversos prêmios; o livro conta com ilustrações de Wilma Martins. *Menina bonita do laço de fita*, também da autora Ana Maria Machado, com ilustrações de Claudius e da editora Àtica, consta em uma lista dos 55 livros mais citados e indicados na literatura infantil (CERQUEIRA, VIDIGAL & ROGERIO, 2006.) sendo, portanto um bom livro para aguçar a imaginação das crianças. O último livro escolhido foi *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*, de Simon Prescott, uma história muito bonita, também baseada em um conto tradicional bem conhecido. As crianças podem se identificar com a história, pois mostra um ratinho perdido em uma cidade enorme, e, também conta com uma bela ilustração, tendo sido indicado pelo PNBE 2012.

Antes de iniciar a experiência junto às crianças, li diversas vezes cada livro, pois para fazer uma leitura para crianças pequenas, não se pode fazer de qualquer maneira, e nem pegar o primeiro livro que se vê pela frente. É preciso “ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega no ouvinte...” (ABRAMOVICH, 2002, p.20).

Como menciona Abramovich, “o critério de seleção é do narrador... e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto.” (2002, p.20). Portanto, além de contar com o cuidado de selecionar livros para a idade das crianças, foi de enorme importância para mim conhecer as crianças antes. Como eu havia estabelecido contato com elas desde fevereiro deste ano, por ser professora em sua sala, foi mais fácil selecionar os livros que elas poderiam gostar e com os quais poderiam se envolver.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO PROCESSO E DO RESULTADO DA PESQUISA

Primeira leitura: dia 20/05/2013.



O primeiro livro lido para as crianças foi *O castor cozinheiro*, de Lars Klitting. O livro conta a história do castor Bruno e seu amigo Dudu. Como é o aniversário de Bruno, seus amigos resolvem fazer um bolo para comemorar. O livro conta como foi todo o processo dessa deliciosa preparação, desde a chegada de Dudu, passando pela procura do livro de receitas e a seleção dos ingredientes, até que o bolo fique pronto. O livro também conta com uma rica ilustração cheia de detalhes, e com objetos que cercam o dia-a-dia das crianças.

Antes de iniciar a leitura da história, pedi para as crianças autorização para filmá-las: expliquei o porquê das filmagens, esclarecendo que era para um trabalho para minha escola e que precisava da ajuda e da participação delas. Assim que aceitaram, filmei-as autorizando e dizendo que sim. Fizemos uma roda e sentamos no chão. Antes ainda da leitura do livro, cantei uma música para dar início, pois segundo Abramovich é importante saber como começar a leitura, e também como terminar, sempre usando frases especiais ou músicas para que as crianças consigam identificar esse momento. Portanto, antes da leitura de cada um dos cinco livros, cantamos uma música, assim como fizemos o fechamento da leitura. Como algumas crianças já conheciam a música, pois já a havíamos cantado em outros momentos, me ajudaram a cantar. A música cantada foi:

Eu vou te contar uma história, agora, atenção!

Que começa aqui no meio da palma da tua mão

*Bem no meio tem uma linha ligada ao coração
 Quem sabia dessa história antes mesmo da canção?
 Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão...*³

Logo no início da história, bati no chão para representar uma batida na janela, (“*Quem está batendo na janela?*” p.4) as crianças arregalaram os olhos, e ficaram de olho no livro. No decorrer da narrativa eu percebia como eles gostavam das mudança de voz que eu fazia, às vezes em tom mais baixo, e, quando precisava, um pouco mais alto. Também é muito nítido o encanto deles por onomatopéias, como barulhos com a boca, batidas no chão. “É bom saber usar modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma”. (ABRAMOVICH, 2002, p.21). Acredito que essas mudanças deixam a leitura da história com mais emoção, a imaginação é aguçada e eles acompanham tudo com muita vibração. Em muitos casos as crianças imitavam a minha a batida no chão.

As crianças possuem uma necessidade de se movimentar muito grande, e isso é muito observado na hora da leitura, pois elas sentam, em seguida deitam ou ficam em pé, conversam, tornam a sentar e olhar o livro, imitam o amigo do lado. Segundo Maria Betânia Ferreira, autora do livreto *Brincar de ler*:

A criança precisa de movimento. Se ela saltar, correr, der cambalhotas e representar o que você ler como se fosse o personagem, não estranhe: ela entra no livro por meio dos movimentos – e está escutando, sim. Tem gente que, nessa fase, começa a formar na criança a ideia de que leitura é uma coisa chata, ao exigir silêncio e imobilidade de um serzinho que é movimento puro. (FERREIRA, s.d p. 12)

Mesmo fazendo todos esses movimentos, elas continuam prestando atenção, pois quando menos se espera elas fazem algum comentário sobre o livro, ou dão risadas mostrando que estão gostando. Um exemplo nesse dia foi uma criança que deitou e começou a brincar com o tênis do amigo do lado, logo em seguida se levantou e ficou de olho no livro, mostrando que estava prestando atenção mesmo quando estava deitada.

É muito perceptível que cada criança é única, por isso é preciso sempre respeitar suas individualidades, as crianças possuem suas particularidades e preferências assim

³ Paulo Tatit e Sandra Peres – Grupo Palavra Cantada

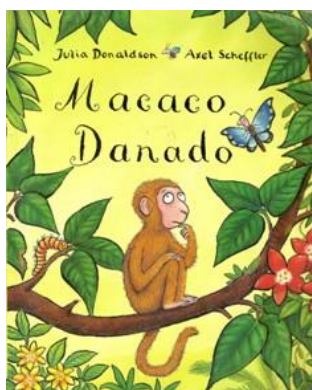
como os adultos, enquanto umas têm necessidade maior de se movimentar, outras ficam sentadas de olhos arregalados do início ao fim. Isso não significa que a criança que fica parada está prestando mais ou menos atenção, mas mostra que cada indivíduo é único e possui seu próprio tempo, cabendo a nós, os (as) professores (as), saber respeitar isso e nos acostumarmos com as particularidades de cada um.

Na hora da leitura as crianças foram se aproximando cada vez mais perto do livro, chegando a ficar na frente de outros amigos para conseguirem ver de perto as ilustrações. A cada virada de página, era um passo das crianças para mais perto do livro, e isso também me deixou satisfeita, pois vi que as crianças estavam se identificando com a história.

No término da leitura as crianças logo pediram para ver o livro, algumas continuaram na roda para manuseá-lo e outras foram brincar. Quando mais nenhuma criança tinha interesse em ver o livro, deixei-o em cima da mesa, para que se mais tarde alguma delas tivesse interesse, ele estivesse ali, ao seu alcance. Não demorou muito para que eu pudesse ver uma cena muito interessante: uma menina começou a folhear o livro, ela estava “lendo” o livro, fazia gestos, balançava o braço. No final do livro ela falou: “fim, acabou a história” e logo saiu correndo para brincar.

No primeiro dia já me senti muito envolvida com a experiência, foi gratificante chegar em casa e perceber no vídeo as expressões que as crianças faziam durante a leitura, detalhes a que, na maioria das vezes, não conseguimos prestar atenção.

Segunda Leitura: dia 21/05/2013



Nesse dia foi lida a história *Macaco Danado* de Julia Donaldson, com ilustrações de Axel Scheffler. O livro conta a história de um macaquinho que perdeu

sua mãe e vai procurá-la na floresta, onde encontra uma borboleta. O macaco dá algumas descrições de como sua mãe é, e a borboleta tenta ajudar nessa procura. A borboleta custa a entender que a mãe do macaquinho é parecida com ele, pois os filhotes dela (lagartinhas) são bem diferentes dela. Até que, depois de uma longa procura, os dois encontram a mãe macaca. O livro conta com ilustrações bem coloridas, e as crianças costumam adorar histórias em que os animais são os personagens.

Assim que falei o nome da história, uma criança já começou a imitar o macaco, é a criança mais nova da sala, com um ano e meio. Fui percebendo que ao longo da história ele imitava o macaco, com as mãos e o barulho sonoros. Em uma das pausas também imitei o macaco, assim como ele, que me retribuiu com um belo sorriso.

Outra criança, com quase três anos, logo perguntou se o macaco comia bananas e, em seguida, contou que em um passeio que fez viu macacos e que eles comiam muitas bananas. Conversamos um pouco sobre os macacos e comecei a leitura.

É perceptível como a leitura pode levar as crianças aos mais diversos fatos, pois elas buscam acontecimentos de sua realidade e tentam conectá-los com as histórias dos livros, pois o ouvir histórias pode “estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo” (ABRAMOVICH, 2002, p.23). Portanto podem acontecer diversos episódios na leitura de um livro.

Na história apareciam diferentes animais, pois o macaco estava procurando sua mãe na floresta, e quando apareceu a imagem de um elefante, uma das crianças logo falou “o elefante é muito grande” em seguida outra criança começou a cantar a música “um elefante incomoda muita gente”...). Esse foi um exemplo de como acontecem diferentes interações na hora da leitura: não apenas entre o(a) professor(a) e as crianças, mas também entre as crianças. Essa interação é muito rica, pois é nesses momentos que as crianças conseguem trocar experiências vividas e aprendem diferentes formas de expressão.

Em um dos momentos da história o texto dizia que o macaco vivia no topo das árvores; nesse momento, uma criança virou-se para outra e disse: “viu, ele vive lá em cima no topo das árvores”, e logo as duas crianças começaram a imitar um macaco. Assim, aquela hora da leitura conseguiu ser um momento de brincadeira, de imaginação, “um momento de gostosura”, como diz Abramovich (2002, p. 22) no qual a imaginação pode fluir, cabendo a nós, os professores, deixar que esse momento de “gostosura” aconteça da melhor forma possível.

Durante a leitura do livro as crianças imitavam muito os gestos feitos, por exemplo: quando no texto o macaquinho dizia “*minha mãe pula e salta apenas*” (p.16) eu mexia com os braços, tentando imitar o pulo, e eles também faziam o mesmo movimento. Outra coisa que percebo que também chama bastante a atenção deles, além de alguns gestos, é o tom da voz; durante esta leitura, em alguns momentos eu falava bem baixinho e em seguida aumentava o volume da voz e eles ficavam com os olhos bem fixos no livro, mostrando que sabiam que iria acontecer alguma coisa.

Um momento bem gostoso foi quando no livro apareceu a ilustração de um morcego, e uma das crianças logo perguntou se aquele era o Batman, dizendo “tenho uma capa igual do Batman”, e já começou a imitar o Batman. As crianças começaram a conversar um pouco sobre o morcego e logo voltaram para a história.

Sobre o encontro entre a criança e o livro, Ninfa Parreiras comenta que:

A questão do espaço e a disposição dos livros são prioridades para as crianças pequenas. A forma como o livro está oferecido é fundamental para a consolidação de seu encontro com a criança. É importante reiterar que o livro deve ser visto, estar acessível e ser cuidado por crianças e educadores. (PARREIRAS, 2012, p. 195)

Percebi a importância que tem para as crianças a possibilidade de folhear o livro, de tocar nele. Elas chegavam perto, tocavam no livro e em seguida que a leitura acabou queriam manuseá-lo.

Terceira leitura: dia 22/05/2013



O livro *Festa no céu* é um conto popular recontado por Ana Maria Machado. Fala de uma grandiosa festa que iria acontecer no céu, mas à qual apenas os animais com asa poderiam ir. Os outros animais ficaram muito tristes por não poderem

participar dessa festa. A tartaruga foi quem ficou mais zangada e disse que iria dar um jeitinho de aparecer por lá. E não é que deu mesmo?! Escondeu-se dentro do violão, urubu. A volta para casa ou terra firme foi um pouco agitada, pois o urubu descobriu tudo, e a tartaruga acabou caindo de dentro do violão e quebrando seu casco, que no fim os anjinhos ajudaram a remendar.

Antes de iniciar a leitura conversamos um pouco sobre as ilustrações da capa. No momento em que falei que o personagem era “um jabuti”, um menino logo falou que aquilo era “uma tartaruga”. Tentei explicar que os dois animais realmente são bem parecidos, e ele escutou, ficou pensando, mas para ele realmente era uma tartaruga.

Nesse dia as crianças estavam um pouco mais agitadas, não sei o real motivo, mas senti que tinham uma necessidade maior de se mexer. Algumas ficavam mais ligadas no livro enquanto eu lia, outras nem tanto. Mas consegui perceber que nem sempre as que parecem mais concentradas são as que participam e que puxam um diálogo com a história. Notei que elas conseguem, sim, mexer no amigo, brincar e mesmo assim prestar atenção na leitura do livro. As crianças mudam diversas vezes de posição, tentando achar a melhor maneira de escutar a história, portanto elas podem estar deitadas, de pernas para o ar ou sentadas: se estiverem envolvidas pela história, conseguirão prestar atenção e muito bem. Eliane Debus ajuda a compreender um pouco melhor este assunto:

Não devemos mitificar o momento de contar história, como se todas as crianças tivessem um comportamento padronizado e ficassem quietas ao simples chamado: “Agora vamos ouvir uma história”. O inesperado pode ocorrer, e o empenho e a dedicação na elaboração da atividade pelo professor pode não encontrar receptividade nas crianças. No entanto, outras tentativas deverão ser feitas.” (DEBUS, 2006, p. 76 e77)

O livro *Festa no céu* diz quais as comidas que iria haver na festa, dando exemplo de algumas. Quando li esta parte, as crianças já começaram a comentar sobre aquelas comidas, dizendo se gostavam ou não delas. O livro dizia também quais as atrações que a festa iria ter, como teatro e dança. Nesse momento um menino já começou a falar do teatro da Branca de Neve que tinha visto no shopping, mostrando que a criança traz coisas do cotidiano para a história, relacionando-a com sua vida e com as experiências que já viveu:

Os livros mais adequados para os pequeninos são interessantes e falam de coisas que eles podem relacionar com suas vidas. Uma

descoberta importante que se repete cada vez que alguém lê para uma criança: mesmo as bem pequeninas já têm grandes preferências em matéria de livros. (FERREIRA, s.d., p. 19)

Quando imitei o urubu com uma voz estranha, pois a história comentava que sua voz era bem feia, as crianças começaram a rir, achando engraçada a minha voz. Uma criança comentou que a garça da ilustração tinha “asa igual um avião, assim, ó” (e imitava uma asa).

As crianças se comunicavam umas com as outras durante as leituras, brincavam um pouco e logo em seguida voltavam a prestar atenção. Por mais que saibamos que a criança tem essa necessidade de se expressar pelos movimentos e que ela precisa se movimentar, ainda é preciso que nos eduquemos, e muito, pois muitas vezes achamos que se a criança não está sentada “direitinho” é porque não está escutando. Isso se relaciona com a observação de Debus:

Lobato descreve um local onde os protocolos de leitura são subvertidos, não existe posição correta ou postura adequada para o ato de ler: A criança encontra um espaço de livre acesso e contato direto com o livro, podendo exercer a sua curiosidade e liberdade manuseando-o sem a intervenção do adulto. Instala-se uma nova concepção de leitura que privilegia o prazer em detrimento da obrigação. (DEBUS. p.85 e 86)

Portanto as crianças mostraram que não só é possível, como para elas é imprescindível se movimentar, pôr em prática tudo aquilo de novo que estão escutando e vivenciando.

As repetições e refrões no texto marcam muito as crianças. No livro, o jabuti repetiu uma frase três vezes: “Pedra! Sai da frente se não eu te esborracho.” (p. 13) Quando uma das crianças foi ver o livro, a parte de que ela mais falou foi essa. Eles me imitaram muito: quando pegavam o livro, tentavam deixá-lo virado para as outras crianças, fazendo de conta que estavam lendo e mostrando as ilustrações aos colegas. Na medida que iam virando a página e os animais iam surgindo, falavam o nome de cada animal, dizendo se ele tinha ido na festa ou não. Algumas crianças diziam no final, ao fechar o livro: “e a história termina assim, acabou”.

Quarta leitura: dia 23/05/2013



O livro *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, conta a história de um coelho que queria ter a cor de uma menina que morava perto de sua casa. O coelho perguntou para a menina qual era “seu segredo para ser tão pretinha” (p. 4); a menina, como não sabia, inventava o que lhe vinha na cabeça. O coelho fazia de tudo o que a menina sugeria para conseguir descobrir o tal segredo, entrou em uma lata de tinta, tomou muito café, comeu jabuticabas e nada de ficar pretinho como a menina. Nesse momento é que entra na história a mãe da menina e explica tudo para o coelho.

Após a leitura do livro *Menina bonita do laço de fita* as crianças conversaram sobre o laço de fita no cabelo e sobre o coelho; fizeram relação do coelho do livro com o “coelhinho da páscoa”.

Engraçada é a maneira como as crianças gravam as coisas e acompanham a história. No primeiro momento, quando o texto conta que o coelho perguntou qual era o segredo na menina para ser tão pretinha (“a menina não sabia, mas inventou” p.14) fiz um barulho com a boca e um sinal com a mão na cabeça. No segundo momento em que o coelho foi de novo perguntar para a menina e ela inventou outra coisa, esqueci-me de fazer o barulho, só fiz o sinal, e logo uma criança me corrigiu: “o barulho, professora”. O menino mostrava assim que realmente estava muito envolvido com a leitura, prestando atenção em tudo. Agradei a ele por ter lembrado e ele retribuiu com um belo sorriso.

Uma das coisas que mais me chamou atenção nesse dia foi quando, depois de terminar a leitura da história, e de alguns deles terem folheado o livro, ficamos um

pouco na sala brincando e em seguida fomos ao parque. O livro ficou em cima da mesa, e enquanto eu ajudava uma criança a calçar o sapato, ela pegou o livro e começou a contar a história. Por isso é importante deixar o livro por perto para as crianças manusearem, terem contato. Talvez para algumas crianças o momento de examinar o livro não seja logo depois da leitura, mas quem sabe minutos ou até horas depois, portanto é imprescindível deixá-lo no alcance das crianças, para que elas possam “brincar de ler” no momento que sentirem necessidade.

Fanny Abramovich também aponta a importância de mostrar o livro para a criança:

ela poderá voltar a ele tantas vezes quanto queira (ou deixá-lo abandonado pelo tempo que seu desinteresse determinar...). E quando a criança for manusear o livro sozinha, que o folheie bem folheado, que olhe tanto quanto queira, que explore sua forma, que se delicie em retirá-lo da estante (encontrando-o sozinha, em casa ou na escola), que vire página por página ou que pule algumas até reencontrar aquele momento especial que estava buscando...(mesmo que ainda não saiba ler, ela o encontra...e fácil!). (ABRAMOVICH, 2002, p. 22).

Quinta leitura: dia 24/05/2013



O livro *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*, de Simon Prescott, narra a história de um ratinho do campo que vai visitar seu amigo na cidade grande, uma versão contemporânea da conhecida fábula tradicional. O livro descreve as emoções que o visitante vivencia. O ratinho do campo fica maravilhado com o lugar tão cheio de movimento, mas aos poucos vai batendo nele uma saudade da sua terra e ele resolve voltar para o campo. A figura do ratinho bem pequeno olhando os imensos prédios é maravilhosa, as ilustrações do livro realmente impressionam aos olhos de qualquer pessoa, seja ele um adulto ou uma criança.

O livro conta com belas ilustrações que realmente deixaram as crianças muito entretidas. Na experiência confirmei a importância de se conhecer bem a história antes de lê-la para as crianças, assim como de ter percebido alguns detalhes da ilustração antes da leitura, pois é apontando ou mostrando essas figuras que a leitura vai se tornando mais gostosa e fluindo bem. Se o(a) professor(a) vê o livro pela primeira vez quando já o está lendo para as crianças, ele(a) não consegue perceber alguns detalhes que só são notados com tempo, e não ali na frente das crianças.

No livro há um trecho em que é preciso virar o livro na vertical, pois ele mostra a imagem de um enorme prédio que se estende ao longo de duas páginas, e as crianças ficaram impressionadas com a imagem do ratinho ali tão pequeno no meio daqueles prédios grandes. Apenas um menino ficou incomodado por eu ter virado o livro, e falava: “vira o livro, professora, tá errado, vira”. Tentei mostrar que virei porque a imagem estava virada, pois o prédio era muito grande e não cabia em uma página, apenas em duas; mas mesmo assim ele pediu que eu virasse o livro de volta à posição normal, mostrando como já estava acostumado com aquele ritual de leitura. Outra criança interpretou a imagem falando que “a vovó também foi no prédio bem lá no alto”.

Foi uma leitura mais calma, as crianças prestaram muita atenção nos desenhos, era um livro grande, comparado com o tamanho de outros livros (media 30cm de largura, por 22 cm de altura), gostaram muito da história, no final ficaram comentando sobre os ratinhos. Tinha uma criança que ria muito durante toda a história, e falava “olha o rato, olha” e “legal”.

As crianças ficaram por algum tempo vendo o livro, uma menina pegou-o nas mãos (um pouco atrapalhada, pois é um livro grande) e começou a mostrar as figuras, ficou sentada na mesma posição que fiquei quando o li, e aos poucos as crianças que estavam brincando na sala sentaram de frente para ela, e ela começou a mostrar as figuras para os amigos. De trás para frente, depois de frente para trás, e assim ela permaneceu alguns instantes, os amigos voltaram a brincar na sala e ela continuou na sua “leitura”. Quando não quis mais, deixou o livro no mesmo lugar que pegou, em uma estante que fica ao alcance deles e foi brincar. Por isso, a importância de deixar o livro ao alcance das crianças, pois esta cena tão especial só foi possível porque o livro estava ao seu alcance.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante propiciar momentos de leituras agradáveis às crianças, que mesmo antes de aprender a ler devem ser colocadas em contato com a literatura. Ao ver um adulto lendo, ao ouvir uma história contada por ele, ao escutar a melodia das frases, os ritmos e as rimas (numa história, num poema ou numa música), os pequenos começam a se interessar pelo mundo das palavras. Por isso são importantes os momentos de leitura, como também o manuseio do livro pelas crianças, pois apenas folheando aprenderão a lidar corretamente com os livros, percebendo que neles se abre um mundo de novidades, imaginação e prazer.

Ler para crianças pequenas não deve ser uma atividade mecânica e descontextualizada, é preciso deixar que as crianças experimentem desde cedo a real importância que a literatura desempenha. A leitura precisa fazer parte da vida da criança, desde a pequena infância; deve ser um momento divertido, mágico, e gerar prazer nela. É preciso despertar na criança que ouve histórias o gosto pela leitura, fazendo com que esse momento seja agradável, pois assim o entusiasmo chegará a ela, e provavelmente, toda vez que ela escutar uma história, se encantará.

Na experiência realizada, notou-se que as crianças ainda bem pequenas adoraram os trechos que traziam repetições de palavras, rimas e sonoridades; elas interpretam o texto lido, cada uma de sua maneira. Além de desenvolver a imaginação, ampliar o vocabulário e a oralidade e ajudar nos conflitos internos da infância, a leitura literária cria um laço entre a criança e o adulto, pois além de ser um momento de olhar nos olhos, nessa relação é o adulto que apresenta esse mundo de descobertas, encantos e novidades. Ler para a criança ainda muito pequena é de grande valia, pois “a leitura em voz alta estimula a criança que ouve” (PARREIRAS, 2012. p. 88), e ensina o professor a “tornar-se um encantador de histórias”. (ABRAMOVICH, 2002. p. 7). Como diz Abramovich, escutar histórias é um momento de “gostosura”, um momento de prazer e de viver um belo divertimento. Ela ainda diz que “o livro da criança que ainda não lê é a história contada” (2002, p.23), portanto devemos ler boas histórias para as crianças.

A experiência vivenciada por mim na elaboração do trabalho foi muito rica, agradável de realizar, verdadeiramente um momento de gostosura. Espero que o “pó de pilimpimpim da imaginação” (DEBUS, 2006, p.125) tenha contagiado as crianças como me senti contagiada, pois era perceptível em seus olhinhos o entusiasmo.

Deste modo, não podemos deixar que o cotidiano das instituições nos impeça de pensar, agir, e criar, ou que ele nos leve a cometer sempre os mesmos erros, como se as crianças não soubessem fazer suas escolhas ou como se todas reagissem da mesma maneira quando ouvem uma história. Precisamos saber que elas possuem tempos diferentes e que é preciso respeitar o tempo próprio de cada uma.

Enfim, com o desenvolvimento da pesquisa, percebi ainda mais a importância da leitura literária para as crianças pequenas, não apenas para o seu desenvolvimento, mas também como uma forma de gerar prazer e divertimento, ampliando a fantasia e a imaginação da criança. É na pequena infância o momento ideal para as crianças estarem embutidas nesse universo de encantamento e de surpresas, para se sentirem mais seguras em sua realidade e tenham mais possibilidades de gostar de livros e de literatura, aproximando-se do universo cultural que a literatura infantil pode proporcionar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny: *Literatura Infantil – Gostosuras e Bobices*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 2002.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ALTMAN, Fabio: Histórias sem Fim. Entrevistas de René Diatkine (seção Páginas Amarelas). *Revista Veja*, 17 de março de 1993.

BENJAMIN, Walter: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos* – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHUKOVSKI, Kornei: *From Two to Five*. Trad. Miriam Morton. Berkeley: University of California Press, 1968.

CERQUEIRA, Patrícia; VIDIGAL, Marina; Rogério, Cristiane: *Os 55 melhores livros*. Revista Crescer. Texto disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0EMI4895-10534,00-OS+MELHORES+LIVROS+PARA+SEU+FILHO.html>

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise e Didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.

COSSON MOTA, Rildo José: Avaliação pedagógica de obras literárias. *Educação*. Porto Alegre, v.35, n. 3, p.308-318, set/dez 2012.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes: *Literatura Infantil: teoria e prática*. 11 ed. São Paulo: Ática, 1991.

DEBUS, Eliane: *Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil*. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2006.

EGAN, K. *Por que a imaginação é importante na educação?* In: FRITZEN, Celdon; CABRAL, G. S. (Orgs.). *Infância: imaginação e educação em debate*. Campinas: Papirus, 2007. 139 p.

FERREIRA, Maria B.: *Brincar de ler*. Programa Ler é preciso ECOFUTURO. São Paulo, s/d.

GIRARDELLO, Gilka. *Imaginação: arte e ciência na infância*. *Revista Pro-Posições* (UNICAMP), v. 22, n.02, 2007. Texto disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072011000200007&lng=pt&nrm=iso.

GUIMARÃES, Daniela; LEITE, Maria Isabel: *A Pedagogia dos Pequenos: uma contribuição dos autores italianos*. In: Anais da XXI Reunião anual da ANPED, 1999

KEHL, Maria Rita: A criança e seus narradores. In: CORSO, Diana L. E CORSO, Mário: *Fadas no Divã: psicanálise das histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*. 6.ed. São Paulo: Ática, 2010.

MELLO, S. A: O desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual. In: BISSOLI, M. F. (Org.). *Fundamentos da Educação Infantil*. Manaus: CEFORT/EDUA, 2007.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes R. de; ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 87. São Paulo, nov. 1993, p. 62-70.

OSTETTO, Luciana: *Encontros e encantamentos na educação infantil*. 6.ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

PARREIRAS, Ninfa: *Do ventre ao colo, do som à literatura: Livros para bebês e crianças*. 1.ed. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SCHMITT, Rosinete V. *O encontro com e entre bebês no contexto da creche uma análise do entrelaçamento das relações entre sujeitos*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC.

SILVA, Cleber F. A criança e o livro literário: encontros e possibilidades. Dissertação de mestrado. Univali, SC.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. Ser professora de bebês: uma profissão marcada pela sutileza. *Zero-a-Seis*, n. 9, p. 1-14, 2009.

TUSSI, Rita de Cássia; Rosing Tania M. K. *Programa Bebelendo: Uma intervenção precoce de leitura*. 1.ed. São Paulo: Global, 2009.

WEFFORT, Madalena Freire, Fátima Camargo. *Observação, Registro e Reflexão: Instrumentos Metodológicos I*. 2.ed. São Paulo: Artcolor, 1996.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS NA EXPERIÊNCIA:

KLINTING, Lars. *O castor cozinheiro*. 1.ed. São Paulo: Callis, 1996.

DONALDSON, Julia. *O macaco danado*. Il.Axel Scheffler. 1.ed. São Paulo: Brinquedobook, 1999.

MACHADO, Ana Maria: *Festa no céu*. Il.Wilma Martins. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001

MACHADO, Ana Maria: *Menina bonita do laço de fita*. Il.Claudius. 7.ed. São Paulo: Ática, 2010.

PRESCOTT, Simon: *As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande*. Trad. Silvana Salermo. 1.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.


ANEXO

Declaração de uso de imagem

Eu, Gláucia Ferreira, professora auxiliar na Escola Giordano Bruno, declaro que as imagens obtidas por mim no interior da escola, através do uso de câmera digital, não serão divulgadas em nenhum momento a terceiros, sendo utilizadas apenas para fins acadêmicos em um trabalho de conclusão de curso, com o objetivo de analisar a reação das crianças ao ouvir as histórias narradas, salvaguardando o anonimato dos envolvidos.


Gláucia Ferreira

Gilka Girardello
Orientadora do TCC


Roger Hansen
Escola Giordano Bruno

Florianópolis, 23 de maio de 2013.